

## Carta sobre Escrita – 1

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Sei do vosso sonho de virem a ser grandes escritores e como esse sonho faz brilhar os vossos dias, embora faça atravessar alguns deles por nuvens sombrias. É por isso que vos escrevo esta carta.

Podemos dizer que escrever é fácil – para quem sabe. Quem sabe escrever pode fazê-lo.

Mas ser escritor é outra coisa. Na verdade, há muita gente que passa a vida a escrever e não é escritor: os jornalistas e os notários são apenas dois dos casos.

Ser escritor implica mais do que escrever. Podemos dizê-lo ao modo de Rainer Maria Rilke, em *Cartas a um Jovem Escritor*: se pode deixar de escrever, então deixe. É sinal de que para si não é vital. Quer isto dizer que é verdadeiramente escritor aquele que necessita de escrever para se sentir vivo, porque a escrita lhe vem do seu interior profundo, seja isso o que for. Nesse caso, o não escrever deixa incompleto, diminuído, o ser da pessoa do escritor. Ser escritor, portanto, é ter de sê-lo, não por um destino ou maldição, mas porque a semente da escrita foi deixada, sabe-se lá como, no terreno fértil da sua vida interior.

Mas também isso não é suficiente para se ser, de facto, escritor. O que mais há é pessoas que sentem por dentro um apelo para uma qualquer realização de si mas não seguem os sinais de pista que lhes indicam uma direcção à sua vida.

Ser escritor implica um compromisso com a escrita. Algo que pode ser dito assim: se quer ser escritor, então escreva. De preferência todos os dias. *Nulla dies sine línea* ou *Nenhum dia sem uma linha* é um conselho que se ouve com frequência. Significa sobretudo o compromisso com a escrita, a fidelidade a esse apelo interior a realizar-se pela escrita. Ou seja, é o compromisso em ser de facto aquilo que no mais fundo se quer ser.

Mas, mais uma vez, não basta escrever. É necessário escrever bem. E o que é escrever bem? A única resposta legítima é escrever procurando fazê-lo sempre melhor.

Gosto da ideia de rotunda. Se eu, numa rotunda, andar dez quilómetros, no fim onde me encontro? Na rotunda, é claro. Não fui a lugar algum. Mas se eu sair da rotunda e andar dez quilómetros e manter a direcção, no final já estou longe da rotunda. É assim também no que à escrita diz respeito. Portanto, o compromisso com a escrita não é apenas com o escrever, mas com a procura de escrever cada vez melhor, com o exercício intencional, consciente, de andar na direcção da boa escrita, que é sobretudo aquela que sempre se procura, logo onde ainda não se está. É isso que faz um bom escritor. O essencial é esse compromisso realizado na prática, ou seja, praticar e praticar, praticar sempre, mas como quem procura escrever cada vez melhor. Quem assim fizer – quem inscrever na sua vida este compromisso com a escrita – sem dúvida vai melhorando a sua escrita e dando corpo a uma obra cada vez melhor. O que não quer dizer que isso garanta que ao fim de cinquenta anos tenha escrito pelo menos uma obra-prima. O importante é o exercício, a prática, o compromisso, é aí que deve estar o foco.

Quanto ao nível do produto, não está nas suas mãos garanti-lo. Importa repetir: o compromisso do escritor é com a prática. Depois, há que aceitar o resultado. Quantas obras-primas restam aí? E quantos escritores ansiaram por terem uma obra-prima com a sua assinatura? Aceitar é um verbo sem boa cotação social, mas é estrategicamente decisivo. Eu posso controlar o processo da minha escrita; não posso garantir um padrão elevado do produto. Resta-me empenhar-me no que depende de mim.

Mas podemos colocar o problema de outro modo. Quer ser artista e ser reconhecido como tal? Bem, artista já cada um de nós é. A pessoa que faz um ramo de flores e o coloca sobre a mesa da sala está já a concretizar um ato de estética. Que pode desenvolver até ser um artista reconhecido nessa área. O mesmo se pode dizer da escrita. Se cuidar de escrever de cada vez um pouco melhor, está já a praticar a arte da escrita. A qualidade da escrita cultiva-se. Há quem pense que depende da inspiração, mas sabemos que vem sobretudo da transpiração, ou seja, do trabalho investido na prática intencional de procurar escrever melhor.

Mas não é verdade que há escritores dotados de um génio singular? Não está provado. Mas, se houver, não é provável que seja o “meu” caso. Por isso, resta-me o compromisso com o esforço de ir melhorando sempre. Isso, sim, dá resultados. Mas, repita-se, não garante que o produto terá uma qualidade excecional.

Podemos dizer isto de outro modo. Ser escritor é relativamente fácil, mas dá muito trabalho. O que é difícil é tornar-se “um” escritor: alguém com “uma voz” reconhecida e uma obra singular que traz algo de verdadeiramente novo ao mundo da escrita e da vida. Se ser escritor dá trabalho, ser “um” escritor dá ainda mais trabalho e nunca está garantido que o sejamos. Mas, verdade seja dita, todos os escritores começaram por baixo, isto é, por aprender a arte da escrita e desenvolvê-la com a prática.

Voltemos ao princípio, ao sonho de ser escritor e de ver a sua obra publicada e reconhecida. O caminho é nítido e não há alternativa: o compromisso com a escrita, num processo de procura contínua de melhoria.

Mas será que vale a pena? A resposta só cada pessoa – eu, tu, ele ou ela – a pode dar.

Dezembro de 2021

José Alves Jana